

GÊNERO E ANTROPOLOGIA

Professor: José Ronaldo Trindade

Semestre: 2022. 1

O curso será ministrado por meio de aulas remotas, síncronas, pelo Microsoft Teams
Quartas-feiras, das 09h às 11h40

Apresentação:

Embora as discussões sobre Gênero e Sexualidade nas últimas décadas tenham tido um impulso notável nos campos dos Estudos Culturais, Filosofia e Semiótica, é preciso recordar que tais discussões já estavam presentes entre no horizonte dos/as antropólogos/as clássicos/as que forneceram os escopos principais da nossa disciplina. Temas canônicos da Antropologia, tais como família e diferença sexual, já podiam ser avistados nos escritos de Morgan, Mead, Malinowski e Lévi-Strauss. Vale ressaltar que as preocupações de Mead, por exemplo, pareciam semelhantes aos argumentos de Simone de Beauvoir de que a opressão das mulheres era produto de uma construção social que produzia e naturalizava as hierarquias entre os sexos. A segunda onda feminista do pós-guerra, ao sustentar que a subalternização das mulheres tinha a ver com sua representação na cultura, contou com as mais diversificadas análises feministas relativas ao gênero. Gayle Rubin sugeriu a existência de um *Sistema Sexo-Gênero*, que estabiliza as opressões das mulheres por meio de uma heterossexualidade compulsória. Assim, Rubin iniciava um debate que serviria futuramente de inspiração e subsídio para uma análise mais crítica do que aquelas oriundas do discurso feminista da segunda, que que naturalizaram o sexo e politizaram o gênero. O curso finaliza com as críticas queer, emergidas em meio ao refluxo conservador dos anos de 1980 nos EUA e na Inglaterra. O foco das reflexões se transfere, agora, do gênero para a sexualidade, da materialidade para o discursivo e, principalmente das identidades estáveis para uma crítica das normas sociais no tocante à sexualidade.

Objetivos do curso

Neste curso se pretende promover um estudo mais aprofundado das Teorias de Gênero e Sexualidade nas Ciências Humanas e Sociais, sua constituição como campo científico, bem como estabelecer relações entre os estudos de gênero e sexualidade com as Teorias Sociais Contemporâneas

Metodologia de ensino

- O tema de cada aula se desenvolverá a partir da leitura prévia dos textos elencados como leituras principais, os quais devem ser lidos antes das aulas.
- Visando um melhor aproveitamento do curso, as aulas devem ser dinâmicas, com a participação ativa dos estudantes em seu processo de construção do conhecimento, por isso nossa ênfase prioritária nas dúvidas, críticas e análises trazidas pelos estudantes.
- A presença e participação nas aulas são essenciais.
- Falta acima de 25% das aulas poderá acarretar a reprovação do(a) estudante,

Avaliação

A avaliação se baseará em presença e participação nas aulas (30% da menção final) e trabalho inscrito individual que deve ser entregue ao final da disciplina
Trabalhos recebidos com atraso de até 24h serão aceitos, mas com uma pontuação menor.

I - A DIFERENÇA SEXUAL NA ANTROPOLOGIA CLÁSSICA

Aula 1. Apresentação do curso:

Assumindo uma posição no debate

Aula 2.

MEAD, Margaret. (1988), Sexo e Temperamento. São Paulo: Perspectiva.

MEAD, Margaret. Macho e Fêmea

MEAD, Margaret. Coming age in Samoa

Aula 3.

MORGAN, Lewis. (1970), La Sociedad Primitiva. Madrid: Aldus.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco

Leitura complementar

STRATHERN, Marilyn. Women in between: female roles in a male world - Mount Hagen, New Guinea

II – O SISTEMA SEXO-GÊNERO

Aula 4. *Ninguém nasce mulher*

BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo: A Experiência Vivida. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
SCOTT, Joan. 1986. "Gênero. Uma categoria útil para a análise histórica", In Educação & Realidade 20(2): 71-99.

RUBIN, Gayle. O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise. (Orgs.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Aula 5. *E eu não sou uma mulher?*

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo,

2016. 244p

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019. 495 p.

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*. Tradução Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

Aula 6. *Quem salva quem?*

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo”. Trad. Édina de Marco. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000b.

ABU-LUGHOD, Lila. *As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros*. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 20(2), maio-agosto/2012, pp. 451-470.

MAHMOOD, Saba. *Teoria Feminista, Agência e Sujeito Liberatório: Algumas Reflexões sobre o Revivalismo Islâmico no Egípto*. *Revista Etnográfica*. Vol. X, 1, 2006, pp.121-158.

Aula 9. *Não, você não é uma mulher*

LUGONES, M. (2008). *Colonialidad y Género*. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101.

LUGONES, M. (2014). *Rumo a um feminismo descolonial*. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial* Trad. de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

SEGATO, Rita Laura. “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial”. *e-cadernos ces* [Online], 18, 2012.

Aula 10. *Ciência e feminismo*

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 2009.

SCHIENBINGER Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Bauru, EDUSC, 2001. Introdução, Cap. 1, 2 até pag. 180.

ADELMAN Miriam. *Das margens ao Centro? Refletindo sobre a teoria feminista e a sociologia acadêmica*, *Rev.Estud.Fem.* vol.11 n.1, 2003.

III - PERSPECTIVAS QUEER

Aula 11.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual. Práticas subversivas de identidade sexual*, tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê*. 2ªed. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

Leitura Complementar:

HALPERIN, David M. One hundred years of homosexuality and other essays on Greek love. New York; London: Routledge, 1989, p. 230.

Aula 12.

WITTIG, Monique. El pensamiento heterosexual y otros ensayos. Madrid: Egales, 2006.
RUBIN, Gayle. Pensando o sexo. In: RUBIN, Gayle. Políticas do sexo. São Paulo: Editora Ubu, 2018b.

Aula 13. *O devir queer do feminismo*

De LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

IV - GÊNERO, SEXUALIDADE APÓS OS “PÓS”

Aula 14.

HARAWAY, Donna. Gênero' para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. Cadernos Pagu, n.22. Campinas: Unicamp, 2004. p.201-246

MCCLINTOCK, Anne. Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial. Trad. Plínio Dentzien. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura (Tradução). *Equatorial*, v. 5, n. 8, p. 193-226, [1991] 2018.

Aula 15.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.

STRATHERN, Marilyn. 2006 (1990). O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, Prefácio, Cap. 1, "Estratégias antropológicas", e Cap 2, "Um lugar no debate feminista". pp. 19- 78.